

Artigo original

ARTETERAPIA: DESPERTANDO A CRIATIVIDADE E O AUTOCONCEITO DE ESTUDANTES COM CARACTERÍSTICAS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

ART THERAPY: AWAKENING CREATIVITY AND SELF-CONCEPT OF STUDENTS WITH FEATURES OF HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS

Eneluce de Jesus Reis Rabêlo¹

Sandro J. S. Leite²

Resumo

O presente artigo relata uma experiência realizada com vinte e dois estudantes com características de altas habilidades/superdotação, com idades entre oito e dezessete anos, participantes dos programas de enriquecimento do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S, da rede estadual de ensino, e do Núcleo de Enriquecimento para Estudantes com Características de Altas Habilidades/Superdotação – NEECAH/S, da rede municipal de ensino, ambos ligados à Educação Especial de São Luís do Maranhão. Estes núcleos promovem identificação e atendimento educacional especializado, visando o enriquecimento dos potenciais destes estudantes nos aspectos: intelectual, acadêmico, artístico, social e psicomotor. Foram realizadas oficinas arteterapêuticas no período de quatro meses e utilizadas técnicas expressivas diversificadas, visando promover o desenvolvimento da criatividade e autoconceito dos estudantes. A partir das produções

¹ Graduação em Educação Artística (UFMA/MA); especialista em Arte Educação (PUC/BH); Educação Especial e Práticas Pedagógicas Inovadoras (UFMA/MA); Educação Especial para talentosos e bem-dotados (UFLA/MG); Formação Continuada de professores para o AEE (UFCE/CE) e Arteterapia (FAVI/PN; NAPE/SP); (AATESP). Contato: Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8156867478283601> E-mail: eneluce2@gmail.com

² Arteterapeuta, Artista, Mestre em Psicologia Clínica (Núcleo de Estudos Junguianos – PUC/SP). Docente nos cursos de graduação em Fotografia, Moda e Musicoterapia (FMU, FIAMFAAM), e especialização em Arteterapia e Musicoterapia. Membro de Honra da AATESP (Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo) e da UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia). Contato: Currículo Lattes: Email: sandroleite@terra.com.br

plásticas, foi possível destacar pontos focais em comum: a figura central, o tamanho, a encapsulação e o conceito da linha de base, pertinentes ao estudo sobre o autoconceito em estudantes com altas habilidades/superdotação.

Palavras-chave: Arteterapia; altas habilidades/superdotação; criatividade; autoconceito.

Abstract

This paper reports an experiment conducted twenty-two students with characteristics of high abilities/giftedness, aged between eight and seventeen participants enrichment programs of High Activity Core Abilities/Giftedness – NAAH/S, of the state teaching, and Enrichment Center for Students with Characteristics of High Abilities/Giftedness – NEECAH/S of municipal schools, both connected to Special Education of São Luis. These centers promote identification and specialized educational services, aimed at enriching the potential of these students in the aspects: intellectual, academic, artistic, social and psychomotor. Art therapeutic workshops were held in the period of four months and used diverse expressive techniques, to promote the development of creativity and self-concept of students. From the plastic production, it was possible to highlight focal points in common: the central figure, the size, the encapsulation and the concept of baseline relevant to the study of self-concept in students with high abilities/giftedness.

Keywords: Art therapy; high abilities/giftedness; creativity; self-concept.

Introdução

Altas habilidades/superdotação é um tema ainda pouco discutido no Brasil (RECH, FREITAS, 2005). A maioria das universidades brasileiras não promove em seus cursos a oportunidade de conhecimento desta área tão importante para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Sabatella (2005, p. 10) aponta a necessidade premente de “encontrar

alternativas educacionais para uma parcela da população, a qual apresenta habilidades e potenciais superiores em vários campos do saber ou do fazer e que não recebem assistência que merece”, e, por isso, permanecem à margem, esquecidas nas suas necessidades intelectuais, emocionais e sociais.

Buscando fornecer uma educação de qualidade, foram criados no Brasil programas que prestam atendimentos inclusivos aos estudantes, como: o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S; o Centro para o Desenvolvimento do Potencial e Talento – CEDET; o Programa de Incentivo ao Talento – PIT; o Programa Objetivo de Incentivo ao Talento – POINT, entre outros. Em São Luís do Maranhão são oferecidos atendimentos aos estudantes com características de altas habilidades/superdotação na rede pública, por intermédio do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S da rede estadual de ensino, e, recentemente criado, o Núcleo de Enriquecimento para Estudantes com Características de Altas Habilidades/superdotação – NEECAHS da rede municipal de ensino.

O NAAH/S e o NEECAHS se propõem a trabalhar junto aos estudantes das escolas públicas estaduais e municipais, buscando o desenvolvimento das habilidades, da criatividade e do talento pessoal, pois se sabe que “a inteligência, a criatividade, o entusiasmo e a habilidade das crianças constituem-se não só um bem maior de uma nação como também é uma fonte revigorante, duradoura e infindável” (VIRGOLIM, 2007, p. 15).

Ao se trabalhar com estudantes com altas habilidades/superdotação, outros aspectos devem ser levados em consideração: a autoestima e o autoconceito. Segundo Virgolim (2007, p. 37), “o autoconceito se refere à imagem subjetiva que cada um tem a respeito de si, o que inclui as crenças e atitudes que temos a nosso próprio respeito. Já a autoestima implica julgamento, constituindo o aspecto avaliativo do autoconceito, composto pelos sentimentos de competência e de valor pessoal”.

Em função desse panorama, o presente artigo propõe a introdução de oficinas arteterapêuticas como ferramentas de desenvolvimento da criatividade, e como processo

mediador de autoconceito dos participantes dos programas de atendimento aos estudantes com características de altas habilidades/superdotação do NAAH/S e NEECAHS.

A Arteterapia propõe um conjunto de atividades que visam o contato com a experiência interior, desvelando um ser criativo, cujo potencial poderá reverter-se em contribuições pessoais e interpessoais. Segundo Ciornai (1995), o propósito fundamental da Arteterapia é resgatar a criatividade na vida, ou seja, focar no exercício do criar livremente, apoderando-se assim do sentido de se sentir presente e participante.

Nesse sentido, é importante que os estudantes libertem suas imaginações e emoções ao mergulharem nas atividades plásticas, fortalecendo: a autoestima, os laços sociais e ampliando a criatividade. Segundo Ostrower (2004, p. 10), “o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenado, dando forma, criando”.

A metodologia empregada contou com pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa de campo aconteceu nos núcleos de atendimento do NAAH/S e do NECAAH/S localizados em São Luís, capital do Maranhão. Para as pesquisas bibliográficas foram utilizados autores que tratam dos temas: altas habilidades/superdotação, criatividade, autoconceito e Arteterapia.

Altas habilidades/superdotação: aspectos históricos, conceituações, características e políticas no Brasil

Observa-se na atualidade um interesse crescente pelo superdotado, por aquele que se destaca em função de uma habilidade superior inusitada para uma pessoa de sua idade, ou por um desempenho excepcional, reflexo de suas habilidades e aptidões. Esse interesse é fruto da consciência de que “os superdotados constituem um grupo distinto, com características especiais, que devem ser cultivadas para o seu melhor aproveitamento, em prol do desenvolvimento científico tecnológico ou social” (ALENCAR, 2001, p. 119).

Trabalhar com crianças e adolescentes que possuem altas habilidades/superdotação é um desafio. Esses estudantes precisam de atendimento educacional especializado, para que

possam desenvolver a criatividade como forma de empoderamento, e o autoconceito como estratégia de controle sobre suas ações. Ambas as atuações devem ser pautadas pelo reconhecimento e valorização das aptidões pessoais. Ritchotte et al (2016) apontam para a necessidade de focar nas necessidades dos estudantes, contribuindo assim para o desenvolvimento de suas habilidades.

O primeiro estudo científico sobre superdotados faz referência aos relatórios do britânico Francis Galton, em 1869, que versava sobre pesquisas genéticas, fato que até hoje é motivo de estudos. Argumentar sobre a origem da superdotação é algo difícil, mas acatam-se as ideias dos que abordam a existência de causas genéticas combinadas com fatores ambientais.

Há uma diversidade de definições quando se trata da conceituação das altas habilidades/superdotação: bem-dotados, dotados, mais capazes, dotação e talento, superdotação, altas habilidades, talentos. A literatura especializada conceitua talento como a “capacidade elevada [que] abrange todas as áreas de atributos e características humanas admiradas e valorizadas pela cultura e pelo momento histórico em que a pessoa vive ou viveu” (GUENTHER, 2006b, p. 21).

A superdotação foi definida pelos cientistas a partir da relação entre as habilidades superiores e a capacidade intelectual. Renzulli (apud ALENCAR, 2001) defende o conceito de superdotação derivado do seu *Modelo dos Três Anéis*, partindo dos conglomerados de traços: habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade, os quais recebem influência dos fatores sociais, familiares, do trabalho e da comunidade.

O autor enfatiza que a interação entre estes três traços leva a uma realização superior, demonstrando assim o comportamento de superdotação, termo usado ao invés de superdotado. Essa orientação vem oportunizando muitos estudantes a desenvolverem altos níveis de realização criativa e produtiva, uma vez que passam a ser destacados dos outros com rendimento médio.

Segundo Guenther (2006a, p. 35), são considerados dotados e talentosos os estudantes que “apresentam capacidade, notavelmente, acima da média de seu grupo de comparação, nas diversas áreas de características humanas, incluindo aquelas valorizadas pela sociedade”.

Gardner (2004) substitui o termo superdotação por talento, definindo-o como um arranjo complexo de aptidões ou inteligências, habilidades instruídas, conhecimentos, disposições de atitudes e motivações que predis põem um indivíduo a sucessos em uma ocupação, vocação, profissão, arte ou negócio. Afirma que os talentos são valorizados a partir da cultura a que pertencem, e estes só se desenvolvem porque recebem a valorização do seu ambiente.

Gagné (apud GAMA, 2006, p. 39-40) distingue superdotação e talento, sugerindo que “superdotação corresponde à competência evidentemente acima da média em um ou mais domínios da aptidão humana. Talento corresponde a desempenho evidentemente acima da média em um ou mais campos da atividade humana”.

Na visão de Alencar (2001), o termo superdotado sugere a presença de um talento, seja na área musical, literária ou de artes plásticas. O denominador comum em todas as diversas conotações do termo é a presença, pois, de um notável desempenho ou de habilidades ou aptidões superiores.

Segundo Virgolim (2007, p. 11), as pessoas com altas habilidades se destacam pois pertencem a um grupo heterogêneo “com características diferentes e habilidades diversificadas; diferem uns dos outros também por seus interesses, estilos de aprendizagem, níveis de motivação e de autoconceito, características de personalidade e principalmente por suas necessidades educacionais”.

Nessa perspectiva, existem traços que podem identificar os indivíduos superdotados: insistência no desenvolvimento de uma ação até alcançar seus objetivos; são exigentes com os outros e consigo mesmos; são questionadores quando os assuntos lhe interessam; gostam de fazer descobertas; têm disposição para viver; não aceitam questões sem profundidade; compreendem assuntos diversificados; possuem saídas variadas para um determinado obstáculo; têm espírito de liderança e suas sensibilidades vão além da injustiça pessoal e social.

Alencar e Fleith (2001) ressaltam que a superdotação se dá em diversas áreas do conhecimento humano: intelectual, social, musical, artística etc., com diversificação de habilidades em pessoas com diferentes graus de talento, motivação e conhecimento. E Guenther (2006a, p. 31) adverte que “a capacidade e talento humano se desenvolvem, e se expressam em produção superior desde que o potencial seja identificado, estimulado, acompanhado e orientado”. Esse é um dos grandes desafios a serem conquistados, caso contrário, os talentos mais promissores serão desperdiçados.

Os autores citados têm chamado a atenção para a identificação, reconhecimento do potencial e importância do estímulo desses estudantes, tanto no ambiente escolar quanto fora dele, buscando elevar o nível de compreensão para prestar atendimento educacional especializado de qualidade para esses estudantes. Por isso, a importância da identificação precoce para a elaboração de estratégias que visem os estímulos adequados para o desenvolvimento de suas habilidades. Segundo Kroesbergen et al (2016), a não identificação precoce pode influenciar no bem-estar das crianças e no desenvolvimento de seus talentos.

O conceito das Diretrizes Gerais para o atendimento educacional aos estudantes com altas habilidades/superdotação e talentos se refere às altas habilidades como:

Comportamentos observados e/ou relatados que confirmam a expressão de “traços consistentemente superiores” em relação a uma média (por exemplo: idade, produção ou série escolar), em qualquer campo do saber ou do fazer. Deve-se entender por “traços” as formas consistentes, ou seja, aqueles que permanecem com frequência e duração no repertório dos comportamentos da pessoa, de forma a poderem ser registrados em épocas diferentes e situações semelhantes (BRASIL, 1995, p. 13).

Vale ressaltar a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que define estudantes com altas habilidades/superdotação como aqueles que “demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresenta elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse” (BRASIL, 2008, p. 15).

No Brasil, sinaliza-se a preocupação com o atendimento para pessoas dotadas e talentosas a partir de 1929, quando a pesquisadora russa Helena Antipoff abordou aspectos da

inteligência humana e, em 1938, fundou a sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte. Nesse contexto identificou oito crianças supernormais pelo atendimento no Consultório Médico-Pedagógico da Instituição, fazendo menção a um novo gênero de clientes: crianças bem-dotadas. A partir de então, outras ações foram concretizadas ao longo dos anos.

Há registro, no ano de 1945, na Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro, de atendimento a um grupo de estudantes com potencial superior para a realização de estudos nas suas áreas de habilidades; e, em 1962, atendimento a um estudante bem-dotado na zona rural de Minas Gerais. Em 1973 acontece a criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), e, em 1978, a criação da Associação Brasileira para Superdotados (ABSD). Em 1987 publica-se o documento “A hora do Superdotado: uma proposta do Conselho Federal de Educação”; e, em 1995, a publicação das políticas federais e das diretrizes para a educação do estudante com altas habilidades pela Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação.

Após a morte de Helena Antipoff, outras ações continuaram no sentido de ampliar e apoiar questões relativas às altas habilidades/superdotação no país. Alguns programas que prestam atendimento às pessoas que possuem inteligência superior nas diversas áreas são: Programa Objetivo de Incentivo ao Talento (POINT), criado em 1972 em São Paulo; Núcleo de Apoio à Aprendizagem do Superdotado (NAS), criado em 1975 em Brasília; Centro para o Desenvolvimento do Potencial e Talento (CEDET), criado em 1993 em Minas Gerais; Conselho Brasileiro para Superdotação (COMBRASD), criado em 2003 por “um grupo de especialistas que apontam como objetivo congregar pessoas físicas e jurídicas, interessadas na área das altas habilidades/superdotação, a fim de estabelecer intercâmbio de conhecimentos e experiências, coordenando seus esforços, estudos e ações” (GAMA, 2006, p. 25).

Evidencia-se a iniciativa pública de implantação dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S em vinte e seis estados da federação e no Distrito Federal, em 2005, sendo referência para atendimento aos estudantes. No Maranhão, o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) iniciou suas atividades em 2005 e vem

atendendo estudantes desde 2009 em grupos de enriquecimento. O Núcleo de Enriquecimento para Estudantes com Características de Altas Habilidades/Superdotação (NEECAH/S) iniciou a identificação dos estudantes em 2014, e, atualmente vem realizando mapeamento de interesses visando dar início ao processo de atendimento.

Contribuição da Arteterapia para o desenvolvimento da criatividade e do autoconceito dos estudantes com características de altas habilidades/superdotação

Atualmente percebe-se um interesse dos educadores e pesquisadores em estudar a criatividade, levando-se em consideração a busca de novas descobertas que tragam melhorias para a sociedade e também para o mundo. Ostrower (2004, p. 27) enfatiza que “a criatividade como potência se refaz sempre”. Nesse sentido, compreende-se que aquele que cria é um ser produtivo e sempre terá oportunidade de crescer, ampliando seu espectro pessoal e social.

Como necessidade do ser humano, “o exercício da criatividade vem cada vez mais ganhando espaço e importância na consciência coletiva, pois trata-se inclusive de uma questão de sobrevivência” (PHILIPPINI, 2009, p. 71).

De acordo com Urrutigaray (2006, p. 39), “ser criativo implica em elaborar, construir novas estratégias frente a situações desconhecidas, desafiar o receio frente ao diferente, possibilitar e efetuar modernizações nas relações estabelecidas entre sujeito e seu ambiente”. Exercitar a criatividade está diretamente ligado ao nível de desenvolvimento de crianças e adolescentes (OLTHOUSE, 2014). Noorafshan e Jowkar (2013) e Hansenne e Legrand (2012) destacam a relação direta entre emoção e criatividade, enquanto Guignard, Kermarrec e Tordjman (2015) discorrem sobre a relação entre inteligência e criatividade

A partir dos autores citados, verifica-se a importância de trabalhar a criatividade no contexto escolar e fora dele, visando exercitar a capacidade de criação de jovens estudantes no seu dia a dia, elevando a produtividade, o conhecimento sobre si e a afirmação como ser humano.

No estudo sobre altas habilidades/superdotação, um tema que tem chamado atenção dos pesquisadores diz respeito ao autoconceito dos estudantes que apresentam potencial superior aos demais. Estes devem receber uma educação especializada, envolvendo-se em atividades diversificadas e enriquecedoras o mais cedo possível, visando explorar seus talentos para que desenvolvam a capacidade de aprender e compreender suas habilidades (RECH, FREITAS, 2005). Paralelo a isso deverão também compreender suas crenças e atitudes, elementos que influenciam no comportamento e desenvolvimento da personalidade.

Embora indivíduos superdotados apresentem um autoconceito geral positivo em diferentes níveis educacionais e dimensões do autoconhecimento, a percepção de si mesmo varia muito (ALENCAR, 2001). Bergold et al (2015) identificam que não há um fator de risco em relação ao bem-estar psicossocial dos superdotados em relação aos adolescentes não superdotados. E Prince e Nurius (2014) apontam que a percepção do self, o suporte familiar e o contexto escolar são importantes fatores em relação ao autoconceito, o que também é apontado por Fleith (2007). Na sala de aula, cabe ao professor adotar princípios que poderão nortear seus comportamentos, exercendo assim uma influência positiva. Trabalhar o autoconceito das pessoas exige paciência, além de competência e oportunidade. Essa tarefa está reservada aos profissionais de ajuda, da educação e da terapia (GUENTHER, 2009). Segundo Fleith (2007, p. 37),

O autoconceito se refere à imagem subjetiva que cada um tem a respeito de si, o que inclui as crenças e atitudes que temos a nosso próprio respeito, assim como a percepção que temos dos outros em relação a nós. O autoconceito funciona como uma espécie de filtro, moldando nossas escolhas e afetando o modo com que reagimos aos outros e ao mundo.

O primeiro psicólogo a desenvolver uma teoria sobre o autoconceito foi William James, em 1890, ao publicar *The principles of psychology*, que faz referência às contribuições e tipos de selfs (sujeito, objeto e múltiplos).

Segundo Guenther (2009, p. 74), “o autoconceito é composto de milhares de percepções, variando em clareza, precisão, qualidade e importância, integrados a uma configuração global e complexa”, e constitui fator importante da pessoa que se é, pois, “determina ainda o que pensamos a respeito de nós mesmos, o que fazemos e o que acreditamos que podemos fazer

e alcançar” (ALENCAR, 2000, p. 48). Essas definições trazem reflexões sobre como se relacionar com os outros, sobre autovalorização, o pensar sobre si mesmo, o que se pode vir a ser; diz respeito também aos julgamentos, avaliações e comportamentos.

Estudantes de potencial superior que têm desempenho inferior à sua capacidade apresentam, geralmente, problemas emocionais e autoconceitos negativos. “Acham extremamente difícil mudar o próprio comportamento por si mesmos e podem melhorar com aconselhamento e assistência” (SABATELLA, 2005, p. 142).

O autoconceito pode ser modificado, porque é aprendido e pode ser ensinado. Essa é a base teórica sobre a qual as profissões de ajuda apoiam ações para efetuar mudanças significativas nas pessoas (GUENTHER, 2009). Mudrak e Zabrodska (2015) relacionam o senso de agenciamento do adolescente superdotado com o desenvolvimento futuro, ou seja, quanto mais recursos tiverem para lidar com suas habilidades precocemente, mais saberão usá-los na vida adulta.

O papel da Arteterapia, nesse contexto, é dispor de recursos que contribuam para o desenvolvimento do autoconceito do estudante, ajudando-o para que este se veja “como alguém competente, capaz de produzir novas ideias, novos produtos, novas produções ou desempenhos artísticos; que incorpore um sentido de satisfação consigo mesmo, para que possa desenvolver seus talentos e habilidades de forma plena” (FLEITH, 2007, p. 44).

Enfatiza-se o uso de materiais artístico-expressivos adequados para proporcionar um importante papel na expressão plástica dos estudantes. Fazendo uso destes, a imaginação será despertada ao produzir um trabalho que o desafie e o satisfaça, percebendo assim que são responsáveis por suas produções.

Philippini (2013, p. 11) considera a Arteterapia como “um processo terapêutico que ocorre por meio da utilização das modalidades expressivas diversas”, tais como pintura, escultura, desenho, colagem e modelagem, entre outras. E para Diniz (2014, p. 12), “é uma facilitadora da decifração do mundo interno, e a possibilidade de acessar esse mundo em um ambiente

cuidadoso e acolhedor nos ajuda a ter encontros com o mais profundo de nós, visando a saúde total do Ser”.

Cabe ao arteterapeuta como facilitador desse processo, construir e ampliar cada vez mais seus conhecimentos sobre arte, educação, psicologia e saúde visando entender, conduzir e cuidar de crianças e adolescentes com altas habilidades/superdotação.

Nessa perspectiva, as oficinas arteterapêuticas oferecem um espaço de estudo e pesquisa para promover o desenvolvimento da criatividade e do autoconceito, buscando explorar a individualidade criativa de cada estudante, no que há de singular e, dessa forma, contribuir para o empoderamento deste nessa fase do desenvolvimento.

Metodologia

Na efetivação deste trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas e trabalho de campo. As oficinas arteterapêuticas aconteceram no: Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S, e no Núcleo de Enriquecimento para Estudantes com Características de Altas Habilidades/Superdotação – NEECAH/S, ambos na Capital Maranhense.

Participaram vinte e dois estudantes, do ensino fundamental e médio com idades entre oito e dezessete anos. Os grupos eram mistos (36% de meninas e 64% de meninos). Os encontros aconteceram nos núcleos e no contra turno da escola.

Foram realizados nove encontros com quatro grupos num período de quatro meses, contando com um encontro de duas horas por semana para cada grupo: um total de treze estudantes do NAAH/S e nove do NEECAH/S.

Durante os encontros foram utilizadas diversas técnicas expressivas, como: modelagem em biscuit, modelagem em argila, construção tridimensional, tecelagem, construção de personagens, desenho, pintura e colagem.

Os trabalhos foram realizados em conformidade com os procedimentos éticos estabelecidos pelos núcleos e pelas diretrizes da Arteterapia.

Perfil do grupo

Os participantes, oriundos de escolas públicas estaduais e municipais, foram indicados pelos professores das salas de aula regulares. Apresentavam características de altas habilidades/superdotação e recebiam atendimento educacional especializado nos referidos núcleos.

Suas famílias se constituíam por: 80% dos pais trabalhavam; 73% possuíam nível médio; 14% nível técnico; 9% nível superior e 4% de analfabetos. Nem todos os estudantes moravam com seus pais; 18% estavam sob os cuidados das avós e/ou tios em decorrência de separação e falecimento dos pais. Durante o processo alguns estudantes desistiram de participar das atividades em função da situação financeira família, já que deveriam se apresentar no contra turno da escola.

Objetivos

O objetivo principal foi introduzir a Arteterapia e seus recursos para o desenvolvimento da criatividade e autoconceito de estudantes com características de altas habilidades/superdotação através de técnicas artístico-expressivas diversas. Os objetivos específicos foram: verificar como a Arteterapia pode elevar a criatividade e o potencial de estudantes com altas habilidades/superdotação através de vivências arteterapêuticas; como pode contribuir para o desenvolvimento do autoconceito, possibilitando o resgate da autoestima e autoconfiança; e analisar temas provenientes das produções plásticas.

Desenvolvimento das atividades

Os encontros sempre iniciavam com uma conversa sobre o que seria abordado, seguido das explicações, e após o término das atividades abria-se um diálogo para que os estudantes relatassem o que havia sido vivenciado. Esse momento de diálogo constituiu-se da maior importância, haja vista que tiveram oportunidade de falar um pouco de si e também de suas preferências pessoais.

Durante as oficinas, os estudantes eram motivados à observação, percepção, exploração dos materiais e dos sentimentos que se manifestavam. Não demonstraram dificuldades no manuseio dos materiais e na aplicação da maioria das técnicas expressivas.

Durante as oficinas realizaram atividades individuais e coletivas, buscando-se a integração e cooperação com os colegas.

Procedimento de análise

Optou-se pela análise de quatro pontos focais evidenciados nas produções dos estudantes, ou seja, após a conclusão do projeto, foi possível identificar temas comuns produzidos pelos participantes. Essa estratégia se deu em função da grande quantidade de material produzido (verbal e visual).

Entende-se por pontos focais “meros indicadores de um caminho possível; eles apontam uma direção; eles fornecem um foco; eles auxiliam” (FURTH, 2013, p. 81). Os pontos focais são básicos e colaboram para a compreensão dos conteúdos inconscientes revelados nas produções plásticas. Juntamente com os pontos focais, devem-se levar em consideração outros aspectos facilitadores do processo analítico, pois, segundo Furth (2013, p. 82), “é importante lembrar que nenhum ponto focal fornece provas conclusivas do que está presente na psique”.

Os pontos focais identificados foram: a figura central, o tamanho, a encapsulação. O conceito da linha de base provém dos estudos de Lowenfeld e Brittan (1997).

Figura central

Segundo Furth (2013, p. 95), “muitas vezes, o que está posicionado no centro do desenho pode indicar onde está o núcleo do problema ou o que é importante para o indivíduo”. Percebeu-se em alguns desenhos dos estudantes a disposição da figura central, colocando-se como a figura mais importante da cena. A importância de a figura principal se colocar no centro é indicativo de um movimento de autocentramento, de voltar-se a si. Os participantes ao representarem personagens de uma história infantil, desenharam no centro do papel a figura principal. Uma estudante relatou que a personagem estava muito feliz, e que havia saído de casa para passear. Já outro estudante, ao observar que seu personagem também estava localizado no centro do papel relatou que não sabia porque havia desenhado dessa forma. Seu desenho representava um personagem metade homem e metade capeta. Esse estudante relatou posteriormente que às vezes era acometido por visões de figuras estranhas, ficava com medo e tinha dificuldade de dormir.

Tamanho

Para Furth (2004, p. 98), “a proporção dos objetos e das pessoas em um desenho é importante. Se as coisas estão desproporcionais, devemos tentar descobrir o que as figuras de tamanho excessivo enfatizam e o que as figuras de tamanho reduzido parecem estar desvalorizando”. Um participante se desenhou do tamanho do caule da árvore, bem alto. Disse que estava passando por um momento delicado em sua vida, pois estava crescendo demais para sua idade, e isso o incomodava. Relatou que sua família estava procurando recursos médicos junto a especialistas para tentar parar o crescimento. Outro participante desenhou a si mesmo pequeno, entre muros, árvores e calçadas. Retratou seu sentimento de menos valia, pois fez um depoimento no qual ficou evidente a situação financeira familiar não satisfatória e isso lhe deixava triste e preocupado.

Encapsulação

Segundo Furth (2004, p. 48), “significa prisão, a necessidade de desenhar limites específicos através ao redor de si mesmo para se colocar de lado ou longe dos outros”.

Um estudante representou um menino deitado na cama. A figura está olhando para fora e seu ombro ligeiramente levantado. Sentia-se encapsulado, aprisionado numa cama que revelava uma situação cotidiana. Em seu depoimento declarou que às vezes não conseguia dormir direito, tendo insônias constantemente. Já outro estudante fez um desenho de um campo de futebol, pintou o gramado de verde, e destacou apenas um jogador que estava com uma bola grande para chutar. Nessa representação, além de se colocar no centro, ficou evidenciada a encapsulação ao se colocar sozinho em cena, pois geralmente brincava sozinho, com exceção dos finais de semana. Em seu depoimento declarou: “No meu final de semana geralmente jogo bola na rua com meus colegas e fico muito feliz”.

Linha de base

Para Lowenfeld e Brittain (1977, p. 186), a linha de base “parece ser uma indicação de que a criança se apercebeu das relações existentes entre ela própria e seu meio”.

Uma participante referiu-se a si mesma como uma pessoa imaginativa, sonhadora e ao falar sobre o desenho disse que essa representação tinha relação com ela ao aprender alguma coisa. Talvez naquele momento estivesse passando por um momento de adaptação ou de conflito. Após esse momento a aluna não compareceu mais às oficinas. Declarou: “Não podemos fazer tudo que a gente quer, querer não é poder”. Já outra estudante estava com uma forte gripe. Desenhou duas meninas e depois as apagou deixando as marcas do desenho, em seguida desenhou uma menina menor (ponto focal *Tamanho*) e do seu lado direito um vidro de remédio. As imagens flutuavam, sem a linha de base, indicando como se encontrava em seu ambiente diante do seu estado de saúde.

Finalizando as oficinas arteterapêuticas, foi realizada uma sondagem sobre todo o processo pelo qual os estudantes passaram. Destacaram o momento do encontro, da sensação

de alegria em participar de atividades diferentes das usuais, do manipular materiais e produzir trabalhos sem preocupação do julgamento estético.

A maioria destacou o fato de que alguém trouxe uma proposta significativa para poder expressar as emoções, o autoconhecimento através de inúmeras possibilidades de criação e integração harmônica com os colegas, proporcionando um nível de compreensão sobre si e seu próximo ao se depararem com o que produziram.

Alguns depoimentos dos estudantes sobre a conclusão das oficinas arteterapêuticas são aqui destacados, pois sintetizam o trabalho realizado e servem como parâmetro para trabalhos futuros sobre altas habilidades/superdotação.

“Minha criatividade foi muito trabalhada. Eu me senti valorizado tendo pessoas do meu lado me valorizando”; “Aprendi valorizar as minhas obras e as que eu vou fazer. Achei legal, interativa, trabalhou minha imaginação”; “Aprendi a colocar em prática a minha imaginação e utilizar diferentes materiais, abrindo minha mente para que eu não tenha medo de criar. Pude expressar meu interior e falar mais de mim e me abrir mais para as pessoas que até então eu era muito fechado”; “Senti a criatividade correndo no meu cérebro, eu tive uma tempestade de ideias. Para mim foi uma experiência incrível”; “Vou sentir muita falta das coisas legais que eu aprendi e fiz pelo meu pensamento”; “Em momentos isolados uma criatividade vinda lá da infância, foi um tanto que despertada. Esse trabalho fez com que eu percebesse que até os materiais mais simples podem ter bom aproveitamento, então tudo o que fazemos tem valor. Essa atividade deve ser passada a frente e apresentada para mais pessoas porque realmente é uma terapia, até para artistas”.

Considerações finais

As oficinas arteterapêuticas apresentaram resultados positivos, especialmente a partir da análise dos relatos espontâneos dos estudantes, mesmo em pouco tempo de atuação. Foi possível motivar a imaginação, despertar a criatividade, trabalhar o autoconceito. Os estudantes

puderam expressar sentimentos e pensamentos, despertando para potenciais ainda pouco explorados, tomando assim consciência do ser criativo, do contato interior e também com os componentes do grupo.

Os estudantes com características de altas habilidades/superdotação necessitam de atividades que lhes desafiem, fazendo com que ultrapassem obstáculos e tenham liberdade para alcançar seus objetivos. Esses desafios devem ser equacionados de acordo com as necessidades de cada estudante (RITCHOTTE et al, 2016). O papel das técnicas expressivas diversas propiciaram desafios na medida em que cada material exigiu um tipo de manuseio, de cuidado, acionando assim ações planejadas.

Os temas analisados demonstraram conexão com as problemáticas trazidas pelos estudantes. A recorrência dos pontos focais: figura central, tamanho, encapsulação e linha de base são indicativos de se colocar em cena, importante para estudantes cujas habilidades, por serem diferenciais, precisam ser reconhecidas.

É importante que projetos futuros priorizem o potencial de cada estudante a partir de seu próprio repertório imaginativo e de autoconceito, valorizando assim a individualidade a fim de que cada um perceba que seu potencial é bem maior do que imagina

Data de recebimento: 06.03.2017

Data de aceite: 22.04.2017

Referências

ALENCAR, E. M. L. de S; FLEITH, D. de S. **Superdotados**: determinantes, educação e ajustamento. 2. ed. São Paulo: EPU, 2001

ALENCAR, E. M. L. de S. **Como desenvolver o potencial criador**: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

_____. **Criatividade e Educação de Superdotados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

BERGOLD, S. et al. Are Gifted Adolescents More Satisfied With Their Lives Than Theirs Non-Gifted Peers. **Frontiers in Psychology**, v. 6, p. 1-10, oct. 2015. Acesso em 15.07.2016. Disponível em: www.frontiersin.org

BRASIL. **Secretaria de Educação Especial**. Diretrizes gerais para o atendimento aos alunos portadores de Altas Habilidades/Superdotação e talentos. Série Diretrizes, 10. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: MEC/SEESP, 1995

BRASIL. **Ministério da Educação**. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008

CIORNAI, S. **Percursos em Arteterapia: Arteterapia e Educação: Arteterapia e Saúde**. Summus, 2005

DINIZ, L. **Mitos e arquétipos na Arteterapia: os rituais para se alcançar o inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014

FLEITH, D. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. Volume 2: Atividades de Estimulação de Alunos. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007

FURTH, G. M. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem Junguiana da cura pela arte**. São Paulo: Paulus, 2004

GARDNER, H. **Estrutura da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004

GAMA, M. C. S. S. **Educação de superdotados: teoria e prática**. São Paulo: EPU, 2006

GUENTHER, Z. C. **Capacidade e Talento: Um programa para a Escola**. São Paulo: EPU, 2006^a

_____. **Desenvolver Capacidades e Talentos: um conceito de inclusão**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2006b.

_____. **Nova Psicologia para a Educação: Educando o Ser Humano**. Bauru, SP: Canal 16, 2009

GUIGNARD, J.-H.; KERMARREC, S.; TORDJMAN, S. Relationships Between Intelligence and Creativity in Gifted and Non-Gifted Children. **Learning and Individual Differences**, 2015. Acesso em: 15.07.2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.lindif.2015.07.006>.

HANSENNE, M.; LEGRAND, J. Creativity, Emotional Intelligence, and School Performance in Children. **International Journal of Educational Research**, v. 53, p. 264-268, 2012. Acesso em: 15.07.2016. Disponível em: www.elsevier.com/locate/ijedures.

KROESBERGEN, E. H. et al. The Psychological Well-Being of Early Identified Gifted Children. **Gifted Children Quarterly**, v. 60, n. 1, p. 16-30, 2016

LOWENFELD. V.; BRITTAN, W. L. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1997.

MUDRAK, J.; ZABRODSKA, K. Childhood Giftedness, Adolescent Agency: A Systematic Multiple-Case Study. **Gifted Child Quarterly**, v. 59, n. 1, p. 55-70, 2015.

NOORAFSHAN, I.; JOWKAR, B. The Effect of Emotional Intelligence and Its Components on Creativity. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, v. 84, p. 791-795, 2013

OLTHOUSE, J. M. Gifted Children's Relationship With Writing. **Journal for the Education of the Gifted**, v. 37, n. 2, p. 171-188, 2014.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, Vozes, 2004

PHILIPPINI, Ângela. **Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia**: uso, indicações e propriedades. Rio de Janeiro: Wak, 2009

_____. **Para entender Arteterapia**: cartografias da coragem. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Vozes/Paulus, 2002

PRINCE, D.; NURIUS, P. S. The Role of Positive Academic Self-Concept in Promoting School Success. **Children and Youth Services Review**, v. 43, p. 145-152, 2014. Acesso em 15.07.2016. Disponível em: www.elsevier.com/locate/childyouth

RECH, A. J. D.; FREITAS, S. N. Uma análise dos mitos que envolvem os alunos com altas habilidades: a realidade de uma escola de Santa Maria/RS. **Rev. Bras. Ed. Esp.** Marília, v. 11, n. 2, p. 295-314, 2005

RITCHOTTE, J. A. et al. An Exploration of the Psychosocial Characteristics of High Achieving Students and Identified Gifted Students: Implications for Practice. **Journal of Advanced Adademics**, v. 27, n. 1, p. 23-38, 2016.

SABATELLA, Maria L. P. **Talento e Superdotação**: Problema ou Solução? Curitiba: Ibpex, 2005

VIRGOLIM, Ângela M. R. **Altas Habilidades/superdotação**: encorajando potenciais. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.